

O CAMINHAR EPISTEMOLÓGICO E METODOLÓGICO DA IDEIA-LUZ: provocações para pensar a produção científica

THE EPISTEMOLOGICAL AND METHODOLOGICAL WALK OF IDEA-LUZ: provocations to think about scientific production

Cixto de Assis Bandeira Filho

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF
cixto.bandeira@univasf.edu.br

Jaqueline Moll

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
jaquelinemoll@gmail.com

Resumo

Este artigo é um dos resultados de uma produção acadêmico-científica de mestrado, chamada Tessituras Iniciais em Direção a Ideia-Luz. Trata-se de um recorte do caminhar epistemológico e metodológico do trabalho, porém, com um caráter singular por ser uma metodologia própria, criada especialmente para a Ideia-Luz. Portanto, este artigo tem o objetivo de anunciar e propor um “modo outro”, de pensar e fazer o caminhar epistemológico e metodológico de uma pesquisa acadêmico-científica. Trazemos algumas Ideias-Força importantes como: o fazer Junto-Com, os Diálogos Abertos, as Vivências e Trajetórias, as Teorizações Sobre a Luz, a Práxis de Viver, e a Metassignificação. Desta forma, pode servir de inspiração para futuras pesquisas e; além disso, como não temos o intuito de finalizar a ideia, pode ser discutida, aprofundada e transmutada por outrxs¹ pensadorxs e pesquisadorxs Junto-Com.

Palavras chave: ideia-luz, junto-com, diálogos-abertos, metassignificação, vivências, trajetórias.

Abstract

This article is one of the results of an academic-scientific master's production, called Initial Tessituras towards Idea-Light. It is an excerpt from the epistemological and methodological approach of the work, however, with a singular character for being its own methodology, created especially for the Idea-Light. Therefore, this article aims to announce and propose an

¹ Utilizarei o x para representar as diversas formas de expressão de identidade de gênero, e, contemplar todxs que não se definem em uma única/determinada identidade de gênero.

“other way”, of thinking and making the epistemological and methodological path of an academic-scientific research. We bring some important Ideas-Strength such as: doing Together-With, Open Dialogues, Experiences and Trajectories, Theorizations on Light, the Praxis of Living, and Meta-signification. In this way, it can serve as an inspiration for future research and; moreover, as we do not intend to finalize the idea, it can be discussed, deepened and transmuted by other thinkers and researchers, Junto-Com.

Key words: idea-luz, along-with, open-dialogues, metasignification, experiences, trajectories.

Tessituras Iniciais

A pesquisa, “Tessituras Iniciais em Direção a Ideia-Luz”, faz um diálogo provocador, mas não anulador, da produção acadêmico-científica habitual, com a qual estamos acostumados a ver e vivenciar: os teóricos, as teorizações e as metodologias definirem a dialogicidade, os enunciados, os conceitos e as metodologias de uma determinada pesquisa.

O que deveria ser um processo livre, criativo, complexo, caótico e repleto de erros e enganos, de possibilidades e incertezas, de caminhos irregulares ou assimétricos, uma superposição de ruídos, de tessituras necessárias para a construção de um pensamento – os caminhos singulares do pesquisador – acaba sendo algo tedioso, uniforme, objetivo e cheio de regras estritas e rígidas.

A produção científico-acadêmica habitual, *tendo como marco temporal o paradigma positivista, onde a universidade se espelha como forma de legitimar, culturalmente e cientificamente, o fazer ciência* (Fóton – DIÁLOGOS ABERTOS, 2019)², enquadra e direciona o autor da pesquisa, a caminhos fixos e reprodutivista. Esse percurso deixa a pesquisa, em muitos casos, com obscuridades e falta de identidade epistemológica e metodológica, como é possível perceber nas expressões, “segundo a”, “a partir de”, “referente à”.

Dialogando com Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraiso (2012), a metodologia na sua construção, deve tomar formas mais livres e leves, na qual possamos articulá-la e tratá-la, como algo prazeroso, sem maiores preocupações com regras. Por outro lado, devemos encontrar novos caminhos teóricos/ metodológicos que impliquem a reflexão criativa e crítica ao realizarmos a pesquisa, estabelecendo “um rigor outro” na produção das informações e nas estratégias de descrição e análise, na busca do caminho e caminhar epistemológico e metodológico.

Portanto, o caminho contrário, mas não anulador, que a Ideia-Luz vem propor, no caminhar metodológico e epistemológico, é que deixemos as ideias, as interpretações, os erros, os

² Para integrar a produção dos dados da pesquisa, utilizo os Diálogos Abertos, instrumento de produção de dados, pensado especialmente para esta escrita. Os Diálogos Abertos são conversas individuais (gravadas em áudio e transcritas) estabelecidas com professorxs de diversas áreas do conhecimento. Os Diálogos Abertos entram para compor e para construir e pensar Junto-Com, da Ideia-Luz do texto dissertativo. Portanto, para identificação imediata das falas dos participantes dos Diálogos Abertos, utilizarei o itálico, seguido do nome fictício que atribuímos a cada um(a).

conflitos, as incertezas, as contradições, as possibilidades, as Vivências e Trajetórias dialogarem e construir em Junto-Com a Ideia-Luz de um pensamento.

Construir identidade própria e criar caminhos necessários para o que se quer dizer e aonde se quer chegar, é o caminhar epistemológico e metodológico da Ideia-Luz. A Ideia-Luz propõe uma construção, aonde a escrita, o pensamento, a ideia, a invenção, vá se estruturando a partir das Vivências e Trajetórias, das Teorizações e dos Diálogos-Abertos/Junto-Com, em todo o percurso do caminhar da construção das Ideias. Nesse processo de caminhos criativos, busca-se criar uma “outra” linguagem para descrever ideias já descritas. Dito de uma maneira mais explícita, a Ideia-Luz é criação de pensamento em diálogo com uma multiplicidade de outros pensamentos. A Ideia-Luz, não tem a intenção de ficar, simplesmente, legislando sobre os criadores e criações, ela também é criação, é invenção.

A Ideia-Luz se aproxima das metodologias de pesquisa pós-críticas em educação: o poetizar, articular e brincar (MEYER; PARAISO, 2012); uma vez que esta corrente de estudos e pesquisas dá vazão para expandi-la, reconstruí-la, articulá-la com outras metodologias, ou, a partir dela, criar uma própria perspectiva metodológica, Junto-Com. O caminhar epistemológico e metodológico é movimento; é metassignificação. Ou seja, tem como perspectiva, articular tudo aquilo que serve; que serve aos estudos; que serve para pensar sobre o que se quer buscar numa pesquisa, apontando para a abertura, a transgressão, e a multiplicação de sentidos (MEYER; PARAISO, 2012); sem que com isso, o pensamento se torne “um tipo de oportunista inescrupuloso...” (FEYERABEND, 2011, p.33), ou, o de submeter [o pensamento], ao “ocasionalismo dos conhecimentos” (BACHELARD, 2013, p.34), nem mesmo, que “o esforço do saber...”, “...os conceitos científicos...” fiquem “...maculados pelo utilitarismo” (BACHELARD, p.19). “É um momento de desterritorialização, que exige a invenção de outros e novos territórios” (MEYER; PARAISO, 2012, p.33); sem que, com isso, “a ciência fique reduzida a uma pequena aventura, uma aventura nos países quiméricos da teoria...” (BACHELARD, 2013, p.19).

Meyer e Paraiso (2012, p.15), na construção das metodologias pós-críticas, dizem que, “a maior parte das correntes teóricas denominadas pós-críticas não se referem a um método de pesquisa, no sentido usual do termo. A Ideia-Luz, corrobora com esse pensamento, em que “a metodologia deva ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa”.

Construir pensamentos que caminhem em direção a Ideia-Luz, aponta para um discurso “outro”, que necessita ser pensado, elaborado, e com isso, “construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar” o que se quer dizer (MEYER; PARAISO, 2012, p.17). Como é uma ideia “outra”, os instrumentos e as metodologias se mostravam “velhas” - prejudicavam a juventude do que estava/está sendo percebido e proposto. Dessa forma, necessário abrir o seguinte questionamento: “devemos continuar usando termos antiquados para descrever insights novos, ou não seria melhor começar a usar uma nova linguagem?” (FEYERABEND, 2011, p.15), e assim, como falou Galileu Galilei, pensar o impensável, e defender o indefensável.

A Ideia-Luz abre uma gama de possibilidades, de pensar a partir de diversos aspectos e de diversas áreas do conhecimento, abre leques, pois não se fecha em uma área do conhecimento. Em sua forma geral, a Ideia-luz interage sem cessar, e em todas as direções que se efetua. Interfere em si mesma, ou seja, se automodifica na interação, atravessa sistemas inter e transdisciplinares; encurta distâncias; entrelaça-se; conecta-se pouco a pouco e transforma-se na agudeza da ideia – da Ideia-Luz.

A Ideia-Luz é um pensamento indeterminado, que não tem a intensão, inicialmente, de ser descrito, finalizado. Ele vai acontecendo, se fazendo e refazendo no caminhar, nas Vivências e Trajetórias dx autorx, Junto-Com. Assume o que a luz é – a simultaneidade e dualidade onda-partícula. Mas quando passamos a observar o fóton de luz, ou seja, o pensamento que anima a Ideia-Luz, ele assume a sua condição de onda-partícula, estabelecendo direcionamentos e perspectivas possíveis e observáveis. Dialogando com Bachelard (2013), o pensamento que anima a Ideia-Luz, se coloca resolutamente perante uma tarefa construtiva – em movimento – que vai encontrando e procurando os complementos, as associações, as intersecções, as imagens, toda a diversidade que faz nascer o pensamento.

Mesmo sendo criação e invenção, a Ideia-Luz se apresenta como produção e criação Junto-Com. Para ilustrar esse pensamento, Manoel de Barros (2010), em “memórias Inventadas”, diz “tudo o que não invento é falso”.

Pensando Junto-Com

Construir um pensamento Junto-Com, é ao mesmo tempo, não descartar as referências teóricas e os modelos já existentes, até mesmo porque, eles, existem e co-existem dentro da academia, e são necessários no fazer cotidiano do ensino, da pesquisa e da extensão; e nem o de enfatizar uma construção própria, solitária, egoísta e fragmentada. Procura deixar evidente a ideia de conversação com e entre as referências; estabelecendo diálogos possíveis entre essas referências, conceitos, funções, modelos, pensamentos e saberes, com os processos criativos e inventivos, vivenciados e apreendidos na trajetória de conhecimentos dx autorx, com os sujeitos envolvidos nos Diálogos Abertos, para que se possa ir construindo outras existências epistemológicas e metodológicas, na ciência e na academia.

Os Diálogos Abertos

Os Diálogos Abertos são conversas, e a palavra conversar, vem da união de duas raízes latinas: *cum*, que quer dizer “com”, e *versare* que quer dizer “dar voltas com” x outrx (MATURANA 2014, p.200). Os Diálogos Abertos proporcionaram esse “dar voltas” Junto-Com, e, com isso, dar voz aos percursos da Práxis de Viver. Os Diálogos Abertos, nesse movimento Junto-Com, possibilitaram “imaginar a pluralidade considerada como sendo anterior à unidade” (BACHELARD, 2010, p.25).

Os Diálogos Abertos – por serem abertos – não impõem um modelo e estrutura a seguir e nem uma área específica a observar, pois o intuito não é analisar as falas e os discursos, nem observar uma área de conhecimento específica; mas, por meio dos diálogos de diferentes áreas, realizar o entrelaçamento entre diversas áreas de conhecimento.

Contudo, nessa construção Junto-Com, de Diálogos Abertos, se perceberá e se reconhecerá que existe um tempo histórico, filosófico, político, pedagógico e científico, de cada pesquisadx, na interação com o mundo, para que se possa amadurecer o poder inventivo e criativo, e assim, transformá-lo em ciência. Ou seja, estabelecer diálogos possíveis, para a construção de outras existências epistemológicas e metodológicas, que impliquem na construção de atitudes criativas e inventivas, deslocando verdades e certezas e sacudindo evidências, na perspectiva da construção de pensamentos e conhecimentos outros.

Vivências e Trajetórias

De onde vêm as ideias? As ideias vêm das vivências e trajetórias. As vivências, em Wilhelm Dilthey (2010, p.20), encontra-se em uma conexão que se matem permanente em todo o transcurso da vida e em meio a todas as transformações. Ao encerrarmos a nossa vida, o que fica como prova da nossa existência, são as marcas das nossas vivências e trajetórias. As trajetórias são os percursos realizados, ou a realizar, por um determinado corpo no espaço-tempo. São os caminhos possíveis para se chegar a uma aproximação do lugar.

Trazer as vivências e trajetórias para dentro da pesquisa, trata-se de compreender como se chega, ou de como caminhar pelo universo do objeto de conhecimento. Quais caminhos foram feitos para que as ideias pudessem chegar ao pensamento dx pesquisadrx.

A Ideia-Luz se caracteriza como uma pesquisa teórica, que dialoga e entrelaça os conhecimentos a partir das vivencias, trajetórias e diálogos abertos. *E a vivência [e trajetória], neste caso, não entra como empiria, entra como um lugar de fazer eclodir a própria teoria* (Nebulosa – DIÁLOGOS ABERTOS, 2017).

As Teorizações Sobre a Luz

Deleuze, diz que “não há conceito simples”; ou seja, “...não há conceito de um só componente.” O conceito possui vários componentes que, necessariamente, não começam pelo mesmo começo, nem se têm o mesmo conceito de começo. Também, “não há conceito que tenha todos componentes”, precisa circunscrever, ou ao menos, entender que todo conceito tem um contorno irregular, definido pelos componentes que os circundam. Dessa forma, “o conceito é questão de articulação, corte, superposição, entrelaçamento, complementaridade” (DELEUZE, 2010, P.23) e, sobretudo, de invenção e criação, pois, quando entrelaçamos, complementamos, articulamos e superpomos, não estamos, simplesmente, dizendo o mesmo do mesmo, estamos também, nos propondo a atravessar os conceitos, transformando-os em outro. Junto-Com Manoel de Barros (2013), podemos dizer que, “Repetir repetir até ficar diferente. Repetir é o dom do estilo”.

Dialogando com Bachelard (2013), em “A Epistemologia”, quando ele fala das questões do epistemólogo referente ao ecletismo dos fins e dos meios, em que o primeiro (dos fins) confunde indevidamente todos os sistemas que tiveram origem os elementos filosóficos, e o segundo (dos meios), acredita que seja admissível à filosofia das ciências, dar conta dos diferentes tipos de teoria e medir o alcance das suas aplicações, sublinhando os processos variados da sua descoberta, mesmo que eles sejam os mais arriscados em assumir e anunciar. A Ideia-Luz é provocada por um ecletismo epistemológico que hora se propõe a assumir e anunciar, entrelaçando e dialogando com os diferentes tipos de teorias, provocando um Dialogo Aberto, na busca de romper com a ambição de encontrar um único ponto de vista fixo, para o conjunto das ciências tão mudáveis e mutáveis. A intenção da Ideia-Luz, não é a de estruturar o pensamento, a partir de uma corrente filosófica de pensamento único e fixo, nem de se organizar na força de um sistema concentrado numa função particular (BACHELARD, 2013).

A Ideia-Luz reclamará aos filósofos o direito de se servir de elementos filosóficos separados dos sistemas em que tiveram origem; e dos cientistas, o direito de desviar por um instante a

ciência do trabalho positivo. Busca colocar em evidência as convicções não provadas, as intuições inconfessadas, os erros, as contradições, as incertezas, as possibilidades, as vivências e trajetórias do cientista, as construções Junto-Com, para que assim, se vá desenhando, em palavras, a Ideia-Luz de um pensamento, já que toda a raiz filosófica nasce de um pensamento (BACHELARD, 2013).

Stephen Hawking (2015, p.83), nos fala que um bom modo de visualizar a dualidade onda/partícula é a chamada “soma de histórias”, introduzida por Richard Feynman. Nessa abordagem, não se espera que a partícula tenha uma única história (ou trajetória) no espaço-tempo. Em vez disso, supõe-se que a partícula vá de A para B por todas as trajetórias possíveis.

Tríade Metodológica: A Práxis de Viver

Karl Marx (1998, p.103), em “A ideologia alemã, teses sobre Feuerbach”, nos diz que “os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo.” O que temos nessa frase é a enunciação da renúncia ou efetivação da filosofia, por meio do retorno às condições palpáveis da realidade como atividade humana (social, cultural, política...). Marx defende que a transformação ocorre a partir de uma “práxis revolucionária”. É na práxis – na sua ação transformadora – que o sujeito tem a possibilidade de ter a consciência e o domínio das vivências, para que assim, possa vivenciar a experiência a ser aplicada e explicada, transformando-se e transformando a realidade; até mesmo, porque, fazemos parte da realidade, não só como inseridos para nos adaptarmos às transformações, mas, também, como sujeitos que transformam, se transformando e compreendendo as transformações nas fronteiras das suas especificidades.

A “Práxis de Viver” se traduz como a espinha dorsal metodológica, ou como os filamentos da teia cósmica que conectam galáxias de ideias, conceitos, pensamentos, trajetórias e vivências. A Práxis de Viver é essa “teia cósmica” que se configura como a tríade metodológica da pesquisa, que são: As vivências e trajetórias, que são base de conhecimento e fonte de inspiração para o caminhar em direção a Ideia-Luz; As teorizações, pensamentos e conceitos, oriundos, provenientes e extraídos de conceitos de outros pensadores, ou seja, da própria filosofia, e/ou, ciência em geral, como também, conceitos que não são oriundo das filosofias, que são suscitados, ou sugeridos por elementos não conceituais, encontrados em outros saberes – na física, na biologia, na química, na antropologia, na pedagogia, na história, na arte e na poesia e; Os Diálogos Abertos, que são os conhecimentos, as vivências e trajetórias das pessoas envolvidas no pensar Junto-Com. A práxis de viver, *é quando a teoria, a prática, o pensamento e a vida, se movimentam e se articulam para construir Ideias-Força, que são como categorias, ou palavras-chave, para se construir o pensamento da Ideia-Luz* (Fótons – DIÁLOGOS ABERTOS, 2019).

A Metassignificação

A Metassignificação, na Ideia-Luz, se apresenta como uma ferramenta de tratamento de dados, que tem como característica re-significar o que já foi significado, pondo “em dúvida as ideias evidentes” (assim como fizeram os relativistas), ligando, entrelaçando as significações dadas pelos interlocutorxs dos Diálogos Abertos; tomando uma “posição posterior” às

teorizações e significados sobre a luz, a pedagogia, a filosofia, a sociologia, a poesia, realizando “mudanças”, “transcendendo” e ampliando o pensamento da ideia inicial, para que, de acordo com essas composições, vá se pensando um significado provisório de um caminhar para a Ideia-Luz. Dito de outra forma, estaremos metassignificando os dados, para daí surgir outro elemento do pensamento.

Manoel de Barros (2010, p.129), em “Memórias Inventadas”, no poema “Aprendimentos” nos diz que: Píndaro falava para ele, “que usava todos os fosséis linguísticos que achava, para renovar sua poesia”. Para construir o pensamento da Ideia-Luz, não usaremos só os fosséis (a arqueologia) para renovar a escrita acadêmico-científica. “Usaremos” o imaginável, o abstrato, o invisível, o subatômico, o que não se tem um único parâmetro, o que vai além do que podemos ver e entender, a indeterminação, a incerteza, a coexistência, a onda-partícula, a luz (a genealogia).

Inconclusões

Não precisamos ter uma pesquisa pronta, nem mesmo uma metodologia terminada. Como falou Marcelo Gleiser (2012), “a ciência não funciona com verdades finais. O que a gente conhece, hoje, é o que a gente pode medir do mundo, hoje”. Sabendo que o conhecimento do hoje, não se resume e se encerra no tempo do agora. É como que, a cada momento, pudéssemos estender e aprimorar as nossas percepções e conhecimentos sobre aquilo que nos propomos a pesquisar e conhecer.

Parafraseando o pintor, escultor e poeta Marcel Duchamp, quando diz que, “a arte é um meio de libertação, de contemplação ou de conhecimento. A arte não é uma categoria separada do viver. O fim da atividade artística não é a obra, mas a liberdade – a liberdade não é o saber, mas o que dele emana”. Dessa forma, digo que a finalidade da atividade acadêmico-científica, não é a obra (artigo/dissertação e/ou tese), mas a liberdade – a liberdade não é só o saber, nem só o conhecimento individualizado e fragmentado, mas tudo o que dele emana. A ciência, nunca foi, não é, e nunca será uma categoria separada da vida: das experiências, vivências e trajetórias de nós humanos, da natureza e da evolução do universo. Portanto, a ciência (incluindo a arte), é a nossa busca permanente para a libertação, para o conhecimento, para a nossa inserção, explicação e compreensão de nós humanos e do mundo a nossa volta.

Portanto, esse trabalho traz, Junto-Com, tessituras e reflexões, ainda introdutórias, pensando na construção de um caminhar epistemológico e metodológico em direção a Ideia-Luz. Mas, apesar de introdutórias, firma um lugar de fala, e diz que é possível se pensar uma Ideia-Luz.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Reimp. Portugal: Edições 70, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A experiência do espaço na física contemporânea**. Tradução Estala dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. – São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª edição).

FEYERABEND, Paul Karl. **Contra o método**. Tradução Cezar Augusto Mortari. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

GLEISER, Marcelo. **O Bóson de Higgs ou Partícula de Deus – Canal Livre**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-jtp755k2uA>. Acesso em 20 de out. de 2018.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**. Ilustração Ron Miller. Tradução Cássio de Arantes Leite. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. In: Cristina Magro; Miriam Graciano; Nalson Vaz (Orgs.). 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. In: PARAÍSO, M. A.; MEYER, D. E. (Orgs.). **Metodologias pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.